

A angústia dos que escaparam

RECIFE — Fechados em dois andares do Hospital Barão de Lucena, de onde saem apenas para as sessões de hemodiálise em outro hospital, os 73 intoxicados de Caruaru entraram numa rotina de depressão, medo, revolta e incerteza: estarão vivos na semana que vem?. Depois do tratamento em si, que inclui pelo menos quatro horas numa máquina que lhe filtra o sangue, o apoio psicológico, espiritual e emocional é a maior prioridade do Serviço de Psicossomática. “Quase todas as per-

guntas deles giram em torno das causas da tragédia, das possíveis consequências. Não param de indagar sobre as chances de cura”, diz a chefe do serviço, a psicóloga Gilda Kelner.

Gilda e sua equipe trabalham arduamente para acalmar os pacientes. Seis psicólogos se revezam na função, 24 horas por dia. O estresse dos doentes acaba contaminando os especialistas. A angústia influencia negativamente os psicólogos. Mesmo de forma inconsciente, muitos pacientes se entregam à

doença, com resignação, o que os debilita ainda mais, prejudicando a produção dos anticorpos que ajudariam na cura, explica um dos integrantes do grupo, que não quis se identificar. “Talvez seja o aspecto mais dramático de todo esse episódio”, afirma o presidente do Sindicato dos Médicos, Adailton Vidal, um cirurgião que trabalha no serviço de Nefrologia do Hospital dos Servidores do Estado.

“A insuficiência renal crônica já é uma doença terrível, por

que ela mina as funções vitais da pessoa. Com o tempo e as sequelas que cada vez mais vão aparecendo, o sistema físico e emocional do paciente vai desmoronando”, completa ele.

A direção do Hospital Barão de Lucena proibiu a entrada de jornalistas no sexto e sétimo andares, onde estão as vítimas da hemodiálise. Alega que a simples presença de fotógrafos instaura o pânico entre os doentes. “Quem foi que morreu dessa vez”, murmuram.? (J.A.)